

Comissão virá ao País discutir bases do acordo

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA IORQUE — Uma comissão de bancos credores da dívida externa brasileira embarca esta semana para Brasília para estudar as bases do acordo entre o Brasil e os bancos credores e também para tratar das condições de reempréstimo (relending) das amortizações renovadas ao Banco Central. Falta ainda acertar a taxa de risco a ser paga durante 1986 que deverá ser menor que no ano passado e também o pagamento da operação 63 dos Bancos Comind, Auxiliar e Maisonave que foram liquidados. Segundo as fontes bancárias, estes problemas ainda estão dificultando as conversações.

— Até o dia 15 de março, o Brasil vai continuar pagando a taxa de risco (spread) velha, isto é, 2,15 por cento, acima da taxa londrina libor. O principal de 1985, que será rolado por sete anos com cinco de carência, foi rolado com este spread. O Governo brasileiro queria que o spread caísse desde o dia 18, sábado, logo que vencesse a prorrogação passada, mas isto não foi possível pois são mais de 700 bancos, e os 14 bancos do comitê não têm autoridade para baixar o spread desta forma. Enquanto negociamos, até o dia 15 de março a taxa de risco será a mesma, disse a fonte bancária.

Outra informação nova em Nova York é que o Banco Auxiliar vai pagar toda sua dívida em relação a operação 63 para manter seu crédito no exterior, no caso, a firma da família Bonfiglioli, a Cica. Mas o pagamento do resto da 63 devido pelos outros bancos está difícil. O Banco do Brasil pagou todas as operações que tinham sido feitas na praça de Nova York. Mas a operação 63 também é um dos fatores que os bancos estão usando e vai afetar a queda da taxa de risco.

— São problemas como a operação 63 e a falta de um acordo formal do Brasil com o FMI que dificultaram as negociações. O FMI e o Banco Central americano, Federal Reserve, foram dois grandes obstáculos durante as negociações.

Daqui a uma semana, o Diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, retorna a Nova York para reiniciar as negociações até o dia 15 de março. Seixas é, segundo as fontes, um trunfo com que conta o Brasil, pois conhece bem os problemas do interbancário e comercial pois esteve à testa do Banespa em Nova York durante muitos anos. Muitos banqueiros preferem negociar com Seixas do que com Bracher.